

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
As oficinas gráficas preferidas
pelas principais firmas do País

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Telefone 59 Apartado 3

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 79 — Domingo, 12 de Dezembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEMAS OPORTUNOS

À MARGEM DUM CENTENÁRIO HAVERÁ DIREITO?

Por F. MORAIS RODRIGUES

CUMPRIU-SE, há dias, o primeiro centenário sobre a data do falecimento do Visconde de Almeida Garrett, figura marcante de lutador liberal, na primeira metade discutido Século XIX, brilhante luminar da nossa literatura e aclamado fundador do Teatro Português.

Comemorando tal acontecimento, promoveu-se a execução dum vasto programa de solenidades, com o cunho oficial e condigno aparato, em que as Academias colaboraram, no objectivo de prestar a merecida consagração nacional ao vulto insigne, que preenche lugar cimeiro na galeria dos nossos maiores literatos, já que Almeida Garrett soube ser escritor, poeta, dramaturgo, orador e estadista, sempre com fulgor e elegância incomparáveis. Devia-lhe esta homenagem ao País, reconhecido e orgulhoso do património cultural que nos legou, na sua omnimoda actividade produtiva, de cuja fecundidade beneficiou a Pátria, com algumas dezenas de perenes monumentos clássicos das belas-lettras.

Se Portugal estava em dívida para com o egrégio artista, bem fizeram os poderes governativos em assumir a iniciativa da grandiosa homenagem nacional, em que foram compreensivamente secundados pelas Academias estrangeiras e pela população cultivada, que desde os bancos escolares aprendeu a conhecer o escritor-poeta, criador das «Minhas asas brancas», com sua figura gentil, de barba à passa-piolho, e a admirar as finezas de estilo do iniciador da Escola Romântica, decorando e recitando trechos das suas composições inspiradas.

Sobre a biografia privada e pública do autor das «Viagens na minha Terra» e de «D. Branca» mobilizaram-se as baterias eruditas e hermenêuticas, a ponto de terem-se descoberto e proclamado, à compita, quer em conferências e artigos, quer em facúndias

discursivas, as afirmações mais inesperadas, quando não conclusões das mais peregrinas, consoante o colorido das lúpas com que os improvisados anatomistas avidamente escarpelizaram a personalidade artística e humana do «Divino» homenageado — hieraticamente impassível no seu pedestal — para dela extraírem os efeitos que lhes convinham e às respectivas galerias. Inevitáveis fraquezas, enfim, próprias do barro humano, parasita das glórias e torcedor de factores subjectivos, para vantagens de exegese... Garrett, contudo, resistiu a toda esta solicitude reabilitadora do seu incon-

formismo idealista, abnegado e nobre (que, tal como Hercúloano, o levou ao exílio na Inglaterra), e saiu incólume de mais esta prova histórica, em que os avatares foram tantos, que só faltou demonstrar-se ter sido ele, afinal, um estrênuo partidário absolutista que se desconhecia, mau grado o que dele sabemos.

Pois, sucedeu que, entre as solenidades comemorativas do centenário garrettiano: sessões solenes, exposições, conferências, sa-raus, etc., constava do programa festivo a representação da sua obra-prima teatral, o «Frei Luís (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Duas cidades prósperas

ÉVORA E SETÚBAL

Por MARCOS ALGARVE

ÉVORA e Setúbal são duas cidades de características diferentes.

A primeira tem a reputação de ser a mais rica e artística do Alentejo.

A segunda goza da fama de ser, depois de Lisboa, a mais industrial e progressiva da Estremadura.

Passei trinta anos sem ver Setúbal, onde há longo espaço de tempo viveram duas pessoas da minha estima e consideração. Era um casal ligado pelo duplo sentimento do espírito e do coração. Ele era o poeta Paulino de Oliveira e ela a romancista Ana de Castro Osório.

O Paulino foi um eterno amoroso, e Ana Osório uma eterna sonhadora. Republicanos de boa fibra, a chegada da República fe-lo con-

sul português na florescente cidade de S. Paulo (Brasil). A esposa acompanhou-o e os dois filhos ficaram em Lisboa, em casa de pessoas de família.

O clima do Brasil, apanhando-o no declínio da vida, depressa o fez baquear. E a viúva, desolada, regressou à Pátria.

Paulino de Oliveira deixou livros de versos e poesias dispersas em revistas literárias. Dotado de alegria e bondade extremas, era amigo do seu amigo.

Ao poeta preto de S. Tomé, Caetano da Costa Ale-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

VISITA AMANHÃ O NOSSO CONCELHO O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

ENCONTRA-SE, desde ontem, no Algarve o sr. eng. Arantes e Oliveira, ilustre ministro das Obras Públicas, que veio tomar conhecimento directo de algumas importantes obras que estão em curso e de outras projectadas. Tendo visitado ontem Portimão, Sagres, Vila do Bispo, Silves e as Caldas de Monchique, visita hoje Albufeira, Faro, Olhão, Loulé e S. Brás de Alportel. Amanhã, visitará Tavira e o nosso concelho, onde apreciará vários problemas de interesse local e regional, como sejam: localização da doca de pesca, urbanização de Monte Gordo, prolongamento da Avenida da República, localização do quartel dos bombeiros voluntários e irrigação dos sapais do Guadiana, obra ésta de extraordinário interesse para esta região sotaventina.

O sr. eng. Arantes e Oliveira, que é acompanhado por directores gerais do seu mi-



Eng. Arantes e Oliveira

nistério e pelo sr. governador civil do distrito, almoçará amanhã na Quinta de Cima, em Cacela, propriedade do nosso prezado amigo, sr. eng. Sebastião Ramirez, deputado pelo Algarve.

Ao fim da tarde, retirará para a capital, seguindo pela estrada de Beja.

CRÓNICA DE LISBOA

«ATÉ À ETERNIDADE» e outros filmes

A NOVA temporada, cinematográficamente 1954/55, já nos brindou com algumas obras elevadas, de bom conteúdo social, técnico e artístico. Destaco, entre as que eu vi, aquele extraordinário «Bienvenido, Mr. Marshall», um filme satírico da melhor escola latina. Ri fartamente em inúmeras cenas, especialmente naquela do «senso geral» da recepção aos americanos, uma cena impagável que

nos apetece aplaudir! Até que enfim, o cinema espanhol nos mostra uma obra séria que deixa na completa obscuridade aqueles «dramalhões» de má memória que todos conhecemos...

O cinema italiano também já nos mostrou «qualquer coisa». «Ulisses» é um filme sério (sem aquelas cenas «spectaculares», tão do agrado do sr. Cecil B. de Mille), bem realizado por Mario Camerini e magistralmente interpretado por Kirk Douglas. Um halo de verdadeira poesia perpassa em muitas cenas, e só isso bastaria para o qualificar com um sinal «mais». O canto das seretas, a gruta do gigante, a morte dos pretendentes à mão de Penélope, são cenas inesquecíveis pela sua perfeição técnica, pela interpretação do grande actor americano, e, como já disse, pela poesia, por vezes violenta, que as envolve.

«Raspoutine» não é das obras mais representativas do cinema francês actual. Mas possui vários atractivos que não são para desdenhar. Pierre Brasseur é um modelo perfeito da arte de (CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Poema fraternal

A luzinha verde! De um farol ou qualquer coisa assim. Pisca que pisca... Pela noite fora, inquieta, a arremessar o seu brado de firmeza e de esperança. Ora, se não consideram isto um romantismo fora de moda... Ora, se não temesse um vosso sorriso trocista... Ora, se não fosse o receio de passar aos olhos das pessoas sensatas por uma menina tonta, ora, se não fosse tudo isso, dir-vos-ia: aquela luzinha verde é minha irmã. Falamos de janela a janela. É tão firme, tão constante, que mesmo em pleno nevoeiro eu sei que ela continua no seu posto. Quer dizer: que ela continua no meu coração.

Claro - Escuro

Quando a N. se casou, estavam lá muitas raparigas. Bonitas, todas. (É claro que esta palavra «todas» se destina a não ferir susceptibilidades. Enfim, muito simpáticas, pelo menos. Muito simples. E para mim não há beleza maior que a simplicidade). Mas a que chamara a atenção principal era a L. Trazia o cabelo negro caindo sobre os ombros. Fora de moda, talvez. A moda é o espartilho da beleza e a L. não usa espartilhos. O seu vestido era branco, com uma rendinha nos punhos. Afogava no pescoco com uma fitinha de veludo azul, em laço. Nada de meias de vidro. Uns soquetes práticos e uns sapatos práticos. Não já uma menina; ainda não uma mulher. Amendoeira já a florescer — mas ainda não florida. E o sorriso dela! Aquele sorriso pregado à cara dela, como uma janela aberta para a planície cheia de sol. Tolice, mas verdade: um sorriso como aqueles cretones ingleses cheios de pássaros, flores, ramagens exóticas...

Encontrei-a no domingo. Pois (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Visitas de estudo e culturais

DA F. N. A. T.

A F. N. A. T. vai dar início a várias visitas de estudo e culturais a vários pontos do País, sem encargos para os seus associados. A primeira excursão realiza-se no próximo dia 19, em colaboração com a Casa de Bragança, partindo de Lisboa às 7 horas, com destino a Vila Viçosa, onde se almoça. Depois de visitados os monumentos locais, seguirá com rumo a Évora, onde serão proporcionadas explicações nos principais locais históricos e de interesse turístico. Aos associados casados é facultada a deslocação do casal, tendo sido escolhidos os primeiros 100 com a quotização em dia.



A IMAGEM PEREGRINA

de Nossa Senhora de Fátima

CHEGA HOJE

A CASTRO MARIM

É AGUARDADA, esta tarde, em Castro Marim, a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que, saindo de Faro pelas 16 horas, deve chegar àquela vila, depois de breves paragens nos sítios da Altura e de São Bartolomeu. Acompanham-na a Comissão de Honra e o Rev. padre Araújo, pároco de Castro Marim.

À entrada da vila, junto da igreja de S. Sebastião, organizar-se-á a procissão das velas, que percorrerá as ruas principais, recolhendo depois à igreja paroquial, onde haverá sermão e bênção do Santíssimo.

Os festejos em honra da Virgem devem prolongar-se até ao próximo domingo, dia 19, em que a veneranda imagem seguirá para a freguesia do Azinhal.

GARRETT E O GERMANISMO

A AQUILINO RIBEIRO

CONFESSO, com a mais franca humildade, que, por falta de tempo e por diversas outras circunstâncias de preocupação, não tenho lido nos jornais, nem ouvido pela rádio, nada do *mere magnum* de eloquência suscitado pela comemoração garrettiana. Por certo, muita coisa sobrenadará, merecendo ser relida e arquivada; e não deixarei, pelo que me dizem, passar, sobretudo a formosíssima oração de Júlio Dantas e a excelsa conferência de Augusto de Castro, — tanto mais que este facto do comemorado falecimento do *Divino* veio provocar no meu enciclopédismo um outro fenómeno...

Foi o caso que, em consequência dum conversa casual sobre Garrett, outro dia em Lisboa, a velha simpatia de Aquilino Ribeiro ofertou à minha *bizarria* o volume das *Viagens da minha terra*, da recente edição Bertrand, pelo saboroso *antelóquio* da sua lavra. E à leitura e releitura — delícia

rara, de fundo e de forma — do primoroso trabalho do nosso primeiro escritor, despertou-se-me uma velha ideia: a da elaboração dum esborço da história do nosso período constitucional, tão mal conhecido em geral, e portanto tão mal julgado, no qual precisamente se enquadrara a vida de (CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

“A VOZ DE LOULÉ”

INICIOU o seu terceiro ano de publicidade, no passado dia 1, o nosso prezado colega «A Voz de Loulé», quinzenário de informação e propaganda regionalista, brilhantemente dirigido pelo sr. dr. Jaime Guerreiro Rua. Conquistando, por méritos próprios, um lugar privilegiado na imprensa algarvia, tem sido devesa notável a sua acção em defesa dos superiores interesses da importante e progressiva vila de Loulé, onde se publica, bem como das principais questões que dizem respeito a todo o Algarve.

Com sinceros votos de muitas prosperidades e de longa vida, apresentamos ao seu ilustre director, e a todos os que a «A Voz de Loulé» ligam o seu esforço, cordiais cumprimentos de felicitações.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Domingos, concessionário do Hotel Guadiana.

Regressou de Évora, onde esteve algum tempo, de visita a sua filha, sr.^a dr.^a D. Maria Luísa Augusto de Matos, professora de Liceu, seu genro e neta, a sr.^a D. Ilda Gomes Augusto, esposa do nosso prezado assinante nesta vila, sr. Joaquim Augusto.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Manuel dos Santos Cabanas, residente no Barreiro.

Com sua esposa, foi a Huelva, onde assistiu às festas do Ano Mariano, o nosso prezado assinante, sr. Vicente Rodrigues Peral.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, a sr.^a D. Pepa Fernandes de Vasconcelos, esposa do nosso prezado assinante, sr. Delmonte Nolasco Fernandes de Vasconcelos, residente em Lisboa.

Acompanhada de sua prima, D. Maria Manuel Martins Rosa, foi a Faro a sr.^a professora D. Luísa Alves Nunes, tendo tomado parte nas festividades Marianas.

De visita a sua família, encontra-se em Londres o nosso prezado amigo e assinante, sr. eng. Maurice D. M. Falconer, vice-cônsul Britânico nesta vila.

Esteve em Lisboa, com curta demora, o Rev. padre Joaquim Galhardo Palmeira, pároco desta freguesia.

Casamento

No passado dia 7, realizou-se na paróquia desta vila, o casamento do sr. Rui Alves Pessanha, filho do sr. Francisco do Carmo Pessanha e da sr.^a D. Eusébia Ribeiro Alves, com a sr.^a D. Maria do Carmo dos Santos Neves, filha do sr. Alvaro Neves e da sr.^a D. Sebastiana dos Santos, todos naturais desta vila, onde residem. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. António da Graça Jesus Correia e sua esposa, sr.^a D. Alice Guerreiro Graça, e por parte do noivo, o sr. Francisco Alves do Carmo Pessanha, industrial, e sua esposa, sr.^a D. Alda da Conceição Pessanha. Ao novo casal, desejamos-lhe, as melhores prosperidades.

Doente

Esteve doente, com certa gravidade, encontrando-se, felizmente, em vias de restabelecimento, o nosso prezado colaborador e amigo, sr. Alvaro Duarte Gomes, residente em Alagôis.

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

VIDA CATÓLICA

Decorreram com grande luzimento as festividades de encerramento do Ano Mariano, nesta paróquia, onde se realizaram vários actos de culto para solenizar o dia da excelsa Padroeira Nacional, na passada quarta-feira, dia 8. Muitos católicos desta freguesia deslocaram-se a Faro, para assistirem às festas da Coroação da Virgem, ali realizadas na Sé catedral.

No próximo dia 15, terá lugar no Cine-Foz, gentilmente cedido para o efeito, um espectáculo promovido pela Juventude Católica Feminina, cujo produto reverte a favor da Campanha do Natal, em benefício dos pobres locais. No programa do mesmo, será incluída a representação duma peça de Almeida Garrett.

A J. C. F. desta vila agradece a comparação de todos a este espectáculo, cooperando assim na finalidade caritativa que a inspirou e, ao mesmo tempo, na homenagem nacional ao grande escritor e poeta, cujo centenário decorreu no dia 9 deste mês.

A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que tem percorrido quase todo o Algarve, em visita de bênçãos e afervoramento da fé na nossa província, deve ser recebida nesta paróquia em 2 de Janeiro próximo. Oportunamente daremos, nestas colunas, o programa das festas a efectuar, as quais terão a assistência de S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o sr. Bispo-coadjutor da Diocese.

Visado pela Comissão de Censura

GARRETT E O GERMANISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Garrett e a sua múltipla acção se exerceu.

Indagando, pois, nos alfarrábios domésticos ou ao meu alcance aqui, venho a dar de cara com um volumezinho do velho Teófilo, publicado em 1905, *Garrett e a sua obra*, livresco que tomei naturalmente para ponto de partida. Já se sabe que Teófilo é aquele derrancado autor tantas vezes achincalhado, gafado de erros de toda a sorte, mero *carreador de materiais*, um velho pedante perdido em filosofias abstrusas, e *veneno* ainda por cima, etc., etc. Sucede, porém, que, se Teófilo *engalinhava* com Herclano, *simpaticava* com Garrett...

Em todo o caso, a sua leitura, que recomendo a quem se interesse a sério por Garrett e ignore esta preciosa contribuição, tem-me sido altamente proveitosa, apesar de todos os seus senões; e com ela tenho conjugado a de outro livro, que aqui tinha, do mesmo Teófilo; a *História do Romantismo em Portugal*, cuja introdução sobre a *Ideia geral do Romantismo*, mesmo descontando tudo o que tem de atrabiliário, de precário e de errado, denuncia uma cultura de espírito que ainda hoje (demais para as gerações essencialmente desportistas, desviadas forçosamente desse campo), permanecerá como algo de hieroglífico...

Resenhando, pois, para o confronto crítico com outros dados providos de outras fontes — (e não desdenho: o célebre *Portugal contemporâneo*, do acre impressionismo de Oliveira Martins, e muito estimo as ponderadas contribuições de Damião Peres e de Joaquim de Carvalho, na *História de Portugal* da Editora de Barcelos), — tudo o que de útil respigo dos *livrecos* teofilianos, venho a topar com a seguinte informação, que os garretianos enforçados me perdoarão que reporte para aqui, *ad usum* do *respeitável público* menos erudito do que eles. (De resto, como teria dito o admirável Leonardo da Vinci, eu venho à feira já no fim, quando dela têm desaparecido as jóias de valor e só resta o refúgio, as coisas desprezíveis ou insignificantes, de nula valia...)

Relata, pois, Teófilo que «num dos períodos mais angustiados da sua existência, em 1844, em que viu quase destruídos os trabalhos de renovação do teatro português e afrontado o princípio da Soberania nacional pelo facinoroso Germanismo, Garrett escreveu uma *Autobiografia* definindo com clareza qual a sua acção literária e política. E acrescenta: «O que aí aparece de louvor próprio não é mais do que uma legítima reacção contra a depressão sistemática da sua valia mental e moral, exercida por todos os meios, desde a camarilha palaciana até aos jornalistas assalariados da imprensa cartista.»

«Esse documento (observa por fim), é um excelente fio condutor para a compreensão da trama complexa da sua existência.»

Ora, por sorte, no mesmo volumezinho se reproduziu, a seguir ao citado estudo, esta *Autobiografia*, que aparecera publicada no tomo III do *Universo pitoresco*, de 1843, segundo ali se diz.

Garrett, exprimindo-se

em discurso indirecto, objectivamente, como se fosse outrem que falasse dele, confia, assim, a este suposto autor, pormenores que são fidedignos e ninguém senão ele poderia fornecer. Alguns serão fúteis, porventura, outros, porém, são capitais, como este que passo a referir e sem o qual a sua obra fica em parte incompreensível. (Ignoro se os estudiosos o terão já tomado suficientemente em conta).

Como se sabe, Garrett aprendera latim e grego na Terceira, e sabia francês e inglês, decerto quase como a sua lingua natal, além ainda do espanhol e do italiano. Daí a sua cultura clássica e a influência certa de escritores da França, da Inglaterra, da Itália e da Espanha, e de estrangeiros traduzidos para estas línguas. Mas... e alemão? Eis o que se lê na *Autobiografia*:

«Nos últimos dias de Junho de 1834, partiu o sr. Garrett para Bruxelas, na qualidade de encarregado de negócios de S. M. F., junto de el-rei Leopoldo. Nos princípios de Julho, estava na capital do novo reino da Bélgica, aonde, pelo pouco trabalho oficial que tinha a satisfazer, facilmente pôde dar-se a adquirir o que muito desejava, o conhecimento da lingua e da literatura alemã, que até então não pudera cultivar.

«O ardor com que se deu a este estudo fez que em breve pudesse acometer as maiores dificuldades dele, lendo, a par de Herder e Schiller, as mais difíceis composições de Goethe. E o gosto que tomou, principalmente por este último escritor, influuiu de tal sorte nas suas opiniões literárias, no seu estilo, em tudo o que se pode chamar — o género e modo de escrever de um autor — que as suas composições posteriores têm todas um cunho diferente, ao menos na nossa opinião, um carácter de maior transcendência e profundidade, pensamento mais vigoroso, estilo mais próprio e mais feito, mais verdadeiramente original.»

Assim, o ano de 1834 ficava sendo, indiscutivelmente, a baliza da sua evolução espiritual. Se, pois, *O Retrato de Vénus*, *o Caião*, *o Camões*, *a D. Branca*, *a Adozinda*, *a Lirica de João Mínimo* e *O Arco de Sant'Ana*, denunciavam as influências clássicas ou românticas dos origens que se sabe, desde a estada na Bélgica, quando regressa a Lisboa, em Junho de 1836, vem *outro*, *germanico*, *germanizado*... Um *auto* de Gil Vicente, *O Alfageme de Santarém*, *Frei Luís de Sousa*, *A Sobrinha do Marquês* terão outra substância e outra envergadura. E o mesmo se dirá das *Viagens na minha terra*, e do *restante Romancero* e das *Folhas caídas*.

Destê modo, ao período juvenil e adolescente, de catorze anos, que vai até 1834, se sucede o período mais longo, de vinte anos, — a maturidade, até final, pois que a senilidade não a conheceu, felizmente, aquele espírito sempre moço que se apagou com quase 66 anos apenas...

Uma revisão crítica de toda esta maior parte da sua vida, acção e obra, sob a signo desta influência germanica, confessada como soberana, não se impõe porventura? Tê-la-á ten-

Para si, minha senhora

AS PELES QUE SE USAM...

— TODOS os anos, quando o frio aperta, perguntamos a nós próprias se o casaco de peles continuará no favor da moda ou — hipótese sempre posta pela modista, que vê nele um inimigo — virá a ser destronado, pelo menos nas horas elegantes, pelo casaco de fazenda, embora guarnecido com farta gola de peles.

Nas últimas passagens de modelos, e não só nas parisienses como nas londrinas (Londres sempre foi considerada um mercado muito mais completo e elegante do que Paris, no que diz respeito a peles), os modelos apresentados foram de tal modo tentadores, que a moda se inclinou declaradamente para as peles. Talvez em nenhum ano elas se apresentaram tão sedutoras. Modificaram os seus tons naturais, adquiriram brilho e macieza nunca alcançados, e foram trabalhadas nos mesmos feitios e com os mesmos cortes dos mais bem confeccionados casacos de fazenda de lã.

O caracul continua a ser uma das peles mais caras, mais sedutoras e mais usadas. Vê-se nos habituais pretos e cinzentos, mas o que é verdadeiramente o «caracul 1955» é o «graphite», meio tom que não é nem completamente preto nem totalmente cinzento, mas levemente sombreado nos dois tons.

A pantera usa-se «ao natural», mas os artistas peleiros apresentam-na agora cortada, como que formando desenhos embutidos. Tornam, assim, ainda mais belo o jogo dos negros que a mosqueiam e desenhavam.

A raposa, depois de uns anos de olvido, usa-se de novo. A azul é indiscutivelmente a mais procurada, pois é menos cara e não se suja tanto, mas a rainha da estação — em matéria de raposas — é a branca, sobretudo para os grandes conjuntos de noite. Em compensação, o arminho — a que deve o nome o mais lindo branco que existe — tingesse, agora, de um tom quente de loiro «foncé» caindo sobre o cor de canela.

O castor, que todas nós conhecemos escuro, resolveu apresentar-se-nos transformado numa pele lindíssima, macia como veludo e imaculadamente branca, quando não num lindo tom de safira. Outro animal que também correu ao saíra foi o vison. Safira topázio e branco puro são os visons modernos. O seu natural e inconfundível castanho dourado deixou de se usar e o pobre vison teve que recorrer às artes modernas para se transformar num bicho elegante.

Seja vison, castor, arminho, pantera ou caracul, a pele usa-se lousadamente. Não é só o casaco, mas também o regala, a gola, os punhos, o chapéu, a carteira, o cabo do chapéu de chuva e a estola. De manhã, para as aulas ou para as compras, são as golinhas pequenas e airozas, são os chapélinhos minúsculos e tão engraçados, são os grandes sacos. De tarde, são os casacos, a três quartos ou compridos, são os regala, são modelos elegantes de chapéu, são as pequenas malas de mão, são as tirinhas nos punhos das luvas. De noite, são os casacos muito fartos, são as estolas sobre os vestidos de noite, são as pequeninas golas de arminho branco sobre veludo preto, são mil e um pormenores de bom tom a fazerem, na ver-

dade, com que a mulher elegante perca a cabeça com eles. Assim se vão usar as peles, embora a maioria, entre nós, só possa ver castores ou visons nas revistas de modas... Mas os peleiros do século XX fazem verdadeiros milagres. E' certo que o caracul artificial é difícil de obter e que a pantera só com muita arte se imita. Mas há centenas de raças de coelhos e de gatos. E é sempre fácil imitar a cor e o correr do pelo das várias peles conchecidas. Há por aí muito castor que já comeu cenourinhas no quintal, e algum vison que já correu atrás de ratos, não falando dos modernos casacos de «nylon» imitando também as mais caras peles.

Sempre que a sua amiga estreie um destes luxuosos casacos, conforme-se, pois, pensando que talvez seja «nylon» ou — o que é bem pior — gato...

Noémia Gil Faria

PROFILAXIA INDIVIDUAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

estão correlacionados, como os ouvidos, nariz, olhos, etc., evitando deste modo muitas doenças, tais como mastoidites, sinusites, conjuntivites, perturbações circulatórias, digestivas, etc. etc., doenças cuja gravidade pode ocasionar a morte.

O Homem faz profilaxia individual quando sistematicamente lava as mãos, antes de se sentar à mesa para comer, ou sempre que a tenha conspurcado no exercício da sua profissão ou nas suas necessidades fisiológicas. Quem, infelizmente, nunca viu pessoas de boa sociedade sentarem-se à mesa de bons hotéis, pensões ou restaurantes, sem lavar as mãos, dando como desculpa que as lavaram ao sair de casa?! E' caso para perguntar: depois de saírem de casa até se sentarem à mesa, não apertaram a mão a ninguém? Não pegaram em dinheiro? Não abriram a porta do automóvel, não subiram para o eléctrico, etc., etc.? E porventura podem ter a certeza de que a pessoa ou pessoas a quem apertaram a mão, não as tinham fortemente conspurcadas?

E os operários? E igualmente outras pessoas de deficientes conhecimentos higiénicos? Terão todas o costume de lavar as mãos antes de principiarem a comer? Não. E é por isso que muitas doenças se transmitem, embora fossem compreensivelmente evitáveis, se se seguissem esses higiénicos e tão simples hábitos de limpeza.

O Homem faz profilaxia individual não andando, sistematicamente, com a cabeça coberta ou descoberta, mas sempre de acordo com a respectiva estação do ano e com as variações de temperatura de cada dia; assim, deve andar coberto com o sol intenso, e sem chapéu, quando, de verão, a frescura da beira-mar ou a sombra amiga das árvores o convidam a isso, pois não atender a estas regras de bom senso pode dar lugar a congestões cerebrais devidas a ataques de insolação, tantas delas terminando pela morte, e isto, repita-se, pelo uso imoderado da cabeça descoberta.

O Homem faz profilaxia individual, quando, em tempo de praia, não expõe o corpo, ou parte dele, directamente à acção do sol, sem ter tido previamente o cuidado de procurar conhecer as regras que condicionam estas exposições, pois a sua não observância já tem produzido dermatoses (doenças de pele) gravíssimas. O mesmo se aplica aos banhos do mar, quanto à sua imersão e duração. Por isso, é de boa profilaxia consultar um médico para saber se o estado do coração lhe permite nadar, ou mergulhar com água muito fria, etc.

Faz profilaxia individual aquele que anda calçado. Quem ignora que o pé descalço, pousando em todas as porcarias, em tachas, vidros ou objectos cortantes, se pode ferir, e desse ferimento resultar uma infecção tetânica, ou qualquer outra, da qual, infelizmente, tantas vezes pode resultar a morte?

Faz profilaxia individual aquele ou aqueles que sabem alimentar-se, isto é, que são sóbrios e racionais, os que não abusam dos alimentos, quer pela sua quantidade, quer pela sua indigestibilidade, os que comem a horas regulares, os que não fazem uso ou abuso de bebidas brancas, etc.

Faz profilaxia individual aquele que não fuma, e por isso não se envenena gradualmente com os alcalóides tóxicos que o tabaco contém, e ainda faz uma boa profilaxia aquele ou aqueles que não abusam do desporto, seja a natação ou o remo, o pedestrianismo,

AGENDA

MOVIMENTO DA LOJA

de Vila Real de Santo António

De 3 a 9 de Dezembro:

TRAINEIRAS	
Maria Rosa	89 800\$00
Brisa	76.160\$00
Infante	60.210\$00
Tufão	45.300\$00
Raulito	44.200\$00
Briosa	33.830\$00
Persistente	33.492\$00
Sam Domingos	27.755\$00
Flor do Norte	27.440\$00
Janita	26.420\$00
Leste	26.350\$00
Liberta	22.650\$00
Pérola do Guadiana	17.755\$00
Agadão	14.140\$00
Deolinda Rita	13.720\$00
Levante	11.970\$00
Novo S. José	10.885\$00
Total	581.997\$00

CERCO

Amazona 10.795\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 3 a 9 de Dezembro:

Entrados:

MURTEN, Suíço, de 511 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
SCHWANECK, Alemão, de 1.298 ton., de Faro, com carga em trânsito.
CARDRONA, Inglês, de 1.526 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos:

BRILLANT, Alemão, para Roterão, com minério.
MURTEN, Suíço, para Génova, com conservas.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com enxofre.
SCHWANECK, Alemão, para Hamburgo, com cortiça e conservas.
CARDRONA, Inglês, para Kirkcaldy, com cortiça.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Dezembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

QUEM AVISA...

Encontram-se a pagamento, na Tesouraria da Câmara Municipal desta vila, as licenças para uso e porte de arma de caça, recreio e defesa, até ao dia 31 de Dezembro corrente.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

PRÉDIO

VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.
Propostas ao dr. Luís Bernardino da Silva — Olhão.

o ciclismo, o futebol ou qualquer outro. O mesmo se dá para tudo quanto represente exageros, quer no próprio trabalho, quer na vida conjugal, quer na vida sexual daqueles que não tiveram educação moral ou higiénica, e que, por ignorância, desbarataram tristemente a vida.

Estes exemplos bastam para que o leitor compreenda o que se deve entender por profilaxia individual, base de todas as outras profilaxias, pois sendo a profilaxia social o agrupamento das individuais, ela será tanto mais perfeita quanto mais desenvolvida for a profilaxia de cada um.

E em toda a parte se pode fazer profilaxia.

Assistir a um bom espectáculo teatral ou de cinema, a um bom concerto, visitar museus, ainda é uma ótima profilaxia, pois evita que durante esse tempo o indivíduo se gaste por outros sítios menos higiénicos; enquanto, em contra-partida, pode ter a vantagem de se instruir ou deleitar, aprendendo sem fadiga, e repouando das suas actividades habituais, o que é muito importante.

Claro é, porém, que esta profilaxia individual poderia ser prejudicada, se a profilaxia geral (falta de ventilação do recinto, ruídos, etc., não estiver à altura dos seus serviços.

Falecimentos

Damião Leiria

Faleceu, nesta vila, no dia 8 do corrente, o sr. Damião Leiria, de 66 anos, solteiro, pintor de profissão.

O extinto era natural desta vila e residia no sítio das Hortas.

A família enlutada, apresenta-nos condolências.

Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

João Lopes

Faleceu nesta vila, no passado dia 9, o sr. João Lopes, de 75 anos, porteiro da Litografia da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a

O extinto, que deixa viúva a sr.^a D. Inês Peres Martins, era pai dos srs. Fernando Lopes, residente em Marrocos, Francisco Lopes, Manuel Lopes, Pastor Lopes, Domingos Martins Lopes e da sr.^a D. Beatriz Peres Lopes, a quem manifestamos as nossas condolências.

O funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

tado já algum crítico avisado?

Ignoro-o. Em todo o caso, — louvor a quem o haja feito já ou a quem o tentar!

Olhão, 5 de Dezembro de 1954.

Francisco Fernandes Lopes

TRIBUNA DOS NOVOS

SERÕES

O INVERNO voltou, e com ele, os dias tristes tornaram as paisagens monótonas e com tudo isto as expansões de alegria ficaram com um âmbito mais reduzido.

As noites, tão tristes como os dias pardaceos, fazem com que os aldeões sintam mais o aconchego das casas e se reúnem aos serões, em redor das lareiras, a aquecerem corpos e pensamentos; as histórias são contadas sempre num ritmo crescente, e assim durante o serão fala-se de tudo, incluindo a bisbilhotice habitual e terminando sempre com uma ou mais histórias horripilantes em que os principais personagens são sempre os fantasmas. Tudo isto contribui para um sono leve e reparador.

Num destes serões em que eu tomei parte, recorda-me um velhote que falava sobre as frases antigas e provérbios velhos.

Dizia ele: — «Bah! Hoje em dia tudo se tem modificado; até os próprios provérbios já não servem.

Calculam que antigamente, quando dois senhores se zangavam, dizia um ao outro: «Espera aí, que eu já te dou o arroz». Ora vejam vocês, quem é que hoje se atreveria a dizer isso? O outro aproveitava logo e dizia:

— Oh, pá! dá cá, estava mesmo a fazer falta lá em casa.

Claro, naqueles tempos em que todos eram homens de palavra, lá tinham de pagar um quilo de arroz.

Por isto, recorda-me aquele senhor, que quando chegava a Páscoa, em vez de comprar amêndoas, pois estão caríssimas, ia à praia, escolhia alguns calhaus brancos e redondinhos, enchia um cartucho e ia para casa; pois dizia ele que nunca notaram nada, apenas a sogra, como não tinha dentes, só nesta Páscoa é que tinha acabado de chupar a amêndoa do ano passado.

Mas voltemos ao serão, onde o velhote continuava a dizer:

— «Vocês recordam-se, daquele provérbio que diziam os antigos: «De grandes ceias estão as sepulturas cheias»? Ora este provérbio, nos nossos dias, já se pode modificar: «De grandes ceias estão as sepulturas vazias».

Só o preço que custa uma grande ceia! Nem vale a pena falar nisso.

Desculpem interromper, mas devido ao alto preço a que está o vinho, ouvi, durante a feira, dois bebados falarem acerca do vinho, e dizia um ao outro:

— «Olha pá, antigamente com 3 mil réis apanhava uma «tarussa» que durava para toda a feirajá agora,

calcula tu, com 5 escudos não te consegues nasear, a não ser que andes nos «carrousséis».

Mas de novo, voltemos ao serão: — «E como estes, há muitos ditados que hoje estão fora de uso. Há anos, ainda se ouvia dizer: «Antes amor de um pobre, do que um rico apaixonado». Claro isto já não está certo; hoje o que manda é o dinheiro. Basta aparecer um velho rico para ficarem apaixonadas, não é verdade, cachopas?»

Recorda-me agora uma história que vem no «Decameron», e que Boccaccio descreve com muita naturalidade. Diz ele que certo rei era casado com uma senhora muito formosa. Ora este rei viu um dia uma senhora muito linda e que era esposa dum fidalgo da corte. O rei ficou gostando da senhora e pensou afastar o marido, mandando-o para as Cruzadas. Depois disto, mandou dizer à senhora que iria lá jantar. A senhora, que era bastante honesta e que não podia desobedecer ao Rei, mandou preparar várias galinhas, e todas elas de maneiras diferentes.

Quando o rei começou a jantar, reparou que só lhe serviam galinhas, e perguntou à senhora:

— Senhora minha, não há outro alimento por aqui?

— Há sim, meu senhor; porém as mulheres, como as galinhas, embora vestidas de maneira diferente, são sempre as mesmas.

O Rei compreendeu e desistiu da conquista.

Mas o serão continuava, e um após outros, os provérbios deslizavam, como no dizer do poeta, «tal como cerejas».

Olhei para o velhote, e disse-lhe:

— Tem razão. Hoje todos os provérbios estão modificados. Você lembra-se daquele: «Quem muito se abaixa?»

— Ora se me lembro:

— Não, está enganado; hoje já não é assim, «Quem muito se abaixa... sobe-lhe o sangue à cabeça».

Hoje tudo se modifica, até mesmo aquele ditado: «Da boa cabeça sai o pior conselho». Ora recorda-me que um dia uma cantora, famosa pela sua beleza, disse ao grande dramaturgo que foi Bernard Shaw:

— Mister Bernard, se nós nós casássemos, da nossa união sairia o filho perfeito, com a minha formosura e a sua inteligência!

Ao que Bernard Shaw lhe respondeu:

— O pior seria, minha senhora, se o garoto nascesse com a minha formosura e a sua inteligência...

A. de Mendonça



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

OLHANENSE, 1 — MONTIJO, 2

Triunfo para o grupo que mostrou ser... Mais grupo!

MAIS uma vez o Sporting Clube Olhanense baixou bandeira perante o seu público. O triunfo dos montijenses a nós não nos surpreendeu, porquanto já nos habituámos, desde há muito, a ver os jogos no velho e histórico campo Padinha com calma, ponderação e consciência.

Antes de mais nada, queremos declarar que os Montijenses ganharam com merecimento. Os locais não têm, mesmo, nada que se queixarem. Primeiro, porque o juiz de campo, sr. José dos Santos Marques, foi correcto e imparcial—quicá, um pouco caseiro—e o facto de os capitães das equipas o cumprimentarem e felicitar, no final do encontro, demonstra bem o que afluimos. Segundo, porque a equipa visitante foi delicada e correctíssima em todos os pontos de vista. E terceiro, porque a vitória, ou pelos golos que ditaram a derrota, foram mais consentidos que produzidos, embora não queiramos, com isso, dizer que não produziram melhor futebol.

Em face dos desaires que a turma olhanense tem sofrido ultimamente — com elementos de valia — a direcção deve dispensar os serviços do chileno Xavier Mascaró, ficando por agora, como orientador técnico, o argentino Felix Santiago.

Os associados do Olhanense estão a passar um mau bocado, pela maneira como a equipa está a actuar.

Lamentamos sinceramente que tenhamos de comentar nestes termos, mas ficariamos de mal com a nossa consciência se deixássemos o caso em claro.

Não podemos, como bons desportistas, que nos prezamos ser, deixar de fazer alguns comentários para o bom progresso do desporto algarvio e do Sporting Clube Olhanense, que estimamos e admiramos profundamente.

O Olhanense está, na verdade, a passar uma grande crise moral.

Desejamos ardentemente que se resolva o problema do Olhanense, porque já tem passado por crises idênticas e tem sabido resolvê-las.

Há que dizer, desde já, que o triunfo do Montijo, embora possa surpreender, surgiu como desfecho lógico da partida que olhanenses e montijenses disputaram no passado domingo. O onze do Montijo, á parte os minutos iniciais do encontro, em que se fechou no seu meio campo, como que aguardando já o rompante da equipa da casa — Rangel nesse período perdeu

duas oportunidades de golo feito—e o primeiro quarto de hora da segunda parte em que acusou nítidas dificuldades perante a «remetida dos olhanenses, que tiveram então os seus melhores momentos, criados por nítida ascendência do onze, e não consentidos pelo adversário — exibiu-se quase sempre num plano que esteve na base do desfecho da contenda.

A maior rapidez de pernas levou os jogadores visitantes a ganharem quase todos os lances de antecipação, a imprimirem ao encontro um andamento vivo que os locais acusaram com nitidez, na última vintena de minutos, e a imporem uma toada de que o Olhanense raras vezes se conseguiu libertar. Quer dizer: em vez de terem sido os olhanenses a impôr o seu jogo, lançando a turma adversária para um sistema defensivo que lhe acarretaria maiores dificuldades na criação dos lances de ataque, foi o Montijo, mercê do labor dos seus médios e do seu jogador Bengé, que acabou por fazer valer a sua vontade e o seu querer, lançando a equipa da casa para uma toada de contra-ataque que não logrou levar de vintena o bem organizado reduto defensivo do Montijo.

Globalmente, portanto, o Montijo foi mais equipa, e desta forma o seu triunfo não pode espantar, sobretudo áqueles que assistiram á partida.

A equipa de Olhão esteve ontem numa tarde em que praticamente só ofereceu ao seu público, que nunca se divorciou da turma, digase de passagem, uma pálda mostra daquilo que pode fazer e que estará expressoventura no que o onze jogou nos primeiros vinte minutos do primeiro tempo e quinze minutos do segundo tempo.

Dos jogadores, que ontem estiveram em acção, Tavares, Abade e Toupeira, na defesa, e Eminência e Del Duca, no ataque, foram os que melhor cumpriram.

Em conjunto, uma exibição que não convirá repetir...

O onze do Montijo, tal como já havia sucedido em Faro, voltou a impressionar pelo seu valor global. Todos os jogadores procuraram, acima de tudo, servir a equipa, jogando em conjunto e movimentando-se com rapidez. Gimenez, na defesa, um grande jogador a destruir e a atacar, e nos avançados, Bengé, Fábrega e Anica.

Herculano Valente

CAMPEONATO DISTRITAL da 1.ª Divisão

Resultados do passado domingo: Silves F. C. - LUSITANO . 2-2 S. L. e Faro-Boa Esperança . 2-2 C. F. Esperança-Louletano . 0-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO	5	4	1	—	20	8
Silves	5	3	2	—	10	7
S. L. e Faro	5	2	1	2	9	10
B. Esperança	5	—	2	2	9	11
Louletano	5	1	1	3	9	13
E. p. Lagos	5	—	2	3	5	16

Jogos para hoje:

F. C. Esperança-LUSITANO Louletano-Boa Esperança S. L. e Faro-Silves

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21 MATOSINHOS

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila. Tratar na Avenida da República, n.º 118.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

O Sortelo que está interessando todas as classes sociais e, portanto, o País, de norte a sul, interesse esse revelado nos imensos pedidos de bilhetes chegados dia a dia.

EM 10 DE JANEIRO DE 1955

550 prémios!

promovido por

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

destinando-se o produto à ampliação das suas instalações sociais.

- 1 automóvel «FORD 6»
- 1 automóvel «TAUNUS»
- 1 automóvel «NOVO PREFECT»
- 1 automóvel «NOVO ANGLIA»
- 1 motocicleta «NORTON»
- 1 «scooter» «LAMBRETTA»

Pratas de arte, máquinas domésticas, faianças artísticas e muitas mais coisas lindas.

Prémios de aproximação: moedas de ouro em profusão: meias libras de cavallinho.

Bilhetes de:	2 números a	5\$00
	5	10\$00
	12	20\$00

Remetem-se imediatamente para qualquer localidade, bastando endereçar os pedidos à secretaria de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO — Rua dos Fanqueiros, 221-2.º, Lisboa, fazendo-os acompanhar da respectiva importância: a dos bilhetes e a dos portes do correio, para uma remessa rápida.

«Queremos um cinema que na sala escura ilumine o que há de mais puro e nobre na condição humana, para que nos ensine a ser melhores.»

Pablo Neruda

SECÇÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

PROGRAMA PARA OS EXIBIDORES ALGARVIOS

A TEMPORADA 1954/55 promete ser fértil em produções de boa qualidade. Sucede, porém, que para os exibidores algarvios é difícil escolher, diante dos inúmeros catálogos que lhes apresentam cerca de 400 filmes por ano. Talvez por esse facto, nunca chegam a ser exibidos no Algarve muitos filmes de valor, considerados indispensáveis para um conhecimento seguro do cinema nos diversos países. Eis porque resolvemos apresentar aos nossos exibidores uma relação dos melhores filmes que já foram ou serão apresentados no decurso desta época. Recomendamo-la também aos nossos leitores, baseados nas informações dos críticos honestos e imparciais da imprensa nacional e estrangeira da especialidade, e na carreira que os referidos filmes obtiveram nas principais capitais e nos festivais internacionais onde foram já exibidos.

Eis a relação:

Da SONORO-FILME: *Pão, amor e fantasia* de Luigi Comencini, com Vittorio de Sica e Gina Lollobrigida; *O tesouro de A'frica*, de John Huston; *Ali-Babá e os 40 ladrões*, de Jacques Becker, com Fernandel; *Os amores do Sr. Ripols*, de René Clement, com Gérard Philipe; *Romeu e Julieta*, de Renato Castellani; *A intrusa*, de Alberto Lattuada, com Martine Carol; *Inquietação*, de Michelangelo Antonioni; *Esta é a vida*, baseado em 4 contos de Pirandello e realizado por Zampa, Fabrizi, Pastina e Soldati; *Homens cercados*, de Harry Essex; *Os 3 ladrões*, de Lionello de Felice; *Madame Du Barry*, de Cristian Jaque, com Martine Carol; *Julieta*, de Marc Allegret. **Reposições:** *As luzes da ribalta*, de Charles Chaplin; *Hamlet*, de Lawrence Olivier; *As aventuras de Tom Sawyer*, da obra de Mark Twain; *Estação Terminus*, de Vittorio de Sica; *A hora da vingança*, de Robert Hamer; *Moulin Rouge*, de John Huston; o filme japonês premiado em Cannes *A's portas do inferno*; *O combato apitou 3 vezes*, de Fred Zinneman; *Fruto Proibido*, de Henri Verneuil, com Fernandel; *Manhã de Páscoa*, de Alessandro Blasetti; *Othello*, de Orson Welles e *Caprichos de Carolina*, de Jean Devraive, com Martine Carol.

Da FILMITALUS: *Melhor e pior*, de Luigi Zampa; *Nossos tempos*, de Alessandro Blasetti; *A provinciana*, de Mário Soldati, com Gina Lollobrigida; *Mulheres enamoradas*, de Cristian Jaque; *Três raparigas para casar*, de Eduardo de Filippo; *Amor na cidade*, obra-prima que reúne os principais realizadores italianos. **Reposições:** *Um marido para Ana*, de Giuseppe di Santis; *O capote*, de Alberto Lattuada e *A cidade defende-se*, de Pietro Germi.

De EXCLUSIVOS TRIUNFO: *Cem anos de amor*, de Lionello de Felice; *O Renegado*, de Léo Jeanon; *Mam'zelle Nitouche*, de Yves Allegret; *Vestir os nus*, de Marcello Piaggio; *Os 5 gêmeos*, de Henry Verneuil; *O ambicioso*, de Daniel Gélin; *A luz e a sombra* e *Os amores morrem de madrugada*, ambos de Henri Calef. **Reposições:** *Brincadeiras proibidas*, de René Clement; *Peppino e Violeta*, de Maurice Cloche; *Aquela Loira*, de Jacques Becker; *Escândalo na Em-*

baixada, de Erik Ode; *Ela só dançou num verão*, de Arne Mattsson; *Teresa Raquin*, de Marcel Carné; *Do sangue nasceu uma cruz* e *Histórias esquecidas*, ambos de Cristian Jaque; *Madama d...*, de Max Ophuls e *Vingança*, de Jean Grémillon.

De LUSOMUNDO: *Os amantes do Tejo*, de Henri Verneuil, com Amália Rodrigues; *Sangue e Lux*, de Georges Rouquier; *Inimigos íntimos*, com Silvana Pampanini e *O inimigo público n.º 1*, com Fernandel. **Reposições:** *Domingo de Agosto*, de Luciano Emmer; *Ela... e eu*, de Guy Lefranc, com Dany Robin; *A força do destino*, de Georges Lacombe e *O salário do medo*, de Clouzot.

Da COLUMBIA: *Torre de Cristal*, de Maxwell Shane; *Até à Eternidade*, de Fred Zinneman; *O padre detective*, de Robert Hamer, e os filmes brasileiros: *Apassionata e Sinhá Moça*; *Os orgulhosos*, de Yves Allegret, com Michele Morgan. **Reposições:** *O prazer*, de Max Ophuls, com Simone Simon; *A morte de um caixeiro viajante*, de Laslo Benedek; *O malabarista*, de Edward Dmytryk; os filmes de desenhos animados da UPA.

Da VITÓRIA-FILME: *Vidas sem rumo*, de Manuel Guimarães; *A hora da fantasia*, de Mário Camerini; *Quando tu teres esta carta*, de Jean Pierre Melville; *Momento de perdição*, de Max Ophuls; *Hanna Amon*, de Veit Harlan, com Kristina Soderbaum; *Cuba-Cabana*, com Zarah Leander.

Da TALMA-FILMES: *Destinos*, com Rossi-Drago, Martine Carol, Michele Morgan e Claudette Colbert; *O caso Maurício*, de Julien Duvivier, com Eleanor Rossi-Drago; *Pecados Mortais*, de vários realizadores.

De FILMES ALCANTARA: *A Romana*, de Luigi Zampa, com Gina Lollobrigida; *Gelosta*, de Pietro Germi; *Giorni d'amore*, de Giuseppe di Santis; *Canzoni, canzoni, canzoni*, de Domenico Paolella; *La dona del Fiume*, de Soldati e *Um americano em Paris*, de Steno. **Reposições:** *Cavalcada de Canções*, com Silvana Pampanini; *Processo contra a cidade*, de Luigi Zampa; *Painéis da vida*, de Steno e Monicelli; *Libertação*, de Rossellini.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“EEMDYK”

carrega em LISBOA em 27 de DEZEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

“LOCH AYON” - 16 de Dezembro

FUTEBOL

Hoje, no Campo «Francisco G. Socorro», pelas 15 horas, realiza-se um encontro de futebol entre as equipas da Associação Académica e do Atlético de Vila Real.

CINE-FOZ

Apresenta, hoje, o empolgante filme *Painéis da vida*, com Gina Lollobrigida, Pierre Cressoy e Anna Maria Ferrero. Um filme realista, de grande categoria, mas equilibrado, de certa sociedade, que sob esplendores materiais, oculta misérias que, a todo o momento, ameaçam explodir em escândalo público. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Terça-feira, 14, um audacioso filme, em episódios, *Flecha Negra*, com Robert Scott. O furioso conflito entre brancos e índios. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta feira, 16, um grandioso programa duplo. O filme italiano neo-realista *Sob o céu de Roma*, e o encantador filme espanhol, *Sete mulheres*. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

BANDA DE MÚSICA

Precisa subochefe habilitado, de preferência sargento reformado.

Condições e mais esclarecimento presta o Comandante do Terço da Legião Portuguesa de Olhão.



CRÓNICA DE LISBOA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

bem representar, ao fazer o papel do enigmático e tarado «muji» russo que teve uma vida (segundo o filme e a ténida), bastante atribulada. E a música de fundo, violenta e sensual, é da melhor que tenho ouvido em cinema. Encanta-nos e entusiasma-nos. Mas o filme tem vários defeitos importantes, e por vezes cheira a opereta barata, que tresanda.

E já é tempo de falarmos do filme americano que dá o título a esta crónica. Primeiro que tudo, «From here to eternity» decepcionou-me um pouco, logo de início. Mas, com o decorrer da exibição, essa má impressão foi desaparecendo. O público lisboeta também ficou decepcionado... mas até ao fim. Todos esperavam não sei o quê, e eis a causa do seu relativo insucesso em Lisboa.

Ninguém em Portugal, creio eu, já se interessa por ver coisas da última guerra e, muito menos, quartéis e as suas questões internas. O assunto já está muito batido, como sói dizer-se. As figuras de um sargento galá e amoroso; de um soldado orgulhoso que se sujeita a sofrer todos os vexames e maus tra-

este filme só por causa dessa cena. As notas saem do clarim de um modo tão triste, tão saudoso, tão pungente, que, no quartel, todos vão ficando extáticos, mudos, à escuta. O rosto de Prewit é uma máscara de sofrimento, de dor profunda. As lágrimas correm-lhe pelo rosto, grossas e infinitas. As notas ecoam lugubriamente pelos corredores, pelas casernas, pelos pátios, por toda a parte.

Nos nossos lugares de espectadores, sentimo-nos atravessados por um choque, que nos deixa sufocados. Um arripio percorre-nos o peito, faz-nos estremecer, paralisa-nos os movimentos.

Que mais há a dizer deste filme? Que não tem defeitos na realização (Fred Zinnemann), e que toda a parte técnica é extraordinária? Que apanhou 8 «Oscars» da Academia e um «Hors-Concours» do Festival de Cannes? Que ele nos mostra o inesperado ataque dos japoneses a Pearl Harbour? Mas isso é uma questão secundaríssima em todo o filme, e só se vê no final.

Na interpretação, as nossas primeiras palmas vão para esse actor extraordinário, que é

DUAS GRANDES CIDADES ÉVORA E SETÚBAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

gre, terceiranista de Medicina, uniu-o uma amizade de irmãos e camaradas escolares. No seu livro de sonetos «Dor», há versos que revelam o fundo da sua alma carinhosa. Este verso dum simplicidade comovente, traduz a sua mágoa, na morte de Costa Alegre:

Negro infeliz que irradiavas astros!

A escritora Ana de Castro Osório, irmã do poeta Alberto Osório de Castro, que foi distinto magistrado e ministro da Justiça, na presidência do dr. Sidónio Pais, era uma senhora dotada de qualidades nobres. A sua obra é vasta e variada. Novelista, romancista e educadora, habitava nela um amplo sentido social e uma cultura verdadeiramente emancipadora. Durante anos, dirigiu, com singular competência, uma revista infantil sob o título «Para as Crianças». Faleceu ainda em plena forma de continuar a sua existência cercada do respeito e da admiração dos seus compatriotas.

Tornei a ver Setúbal, o mês passado, com o seu casario renovado, o mar quieto e a luz da tarde a resplandecer na sua púrpura celestial.

Dei uma volta pelo cais, a ver de perto o Mar e os navios de longo curso. Descubri uma pequena doca, em que algumas guias do Clube Naval dormiam um sono reparador...

Bons cafés, modernas garagens e altos prédios, que a estética de Picasso ou doutro inovador crivou de janelas de prisão. A indústria de conservas — até outrora importante — vegeta actualmente, por falta de matéria prima, a sardinha, esse microscópico carnudo de prata escamosa.

Visito os monumentos: Bocage, lá está como dantes, firme e inspirado, com a velha quadra de Castilho a rememorar-lhe o génio. O quadrado de ferro, que o cercava, foi retirado dali.

Ainda bem. O vate, que tanto pugnou pela liberdade, não precisava, depois de morto, dessa grilheta municipal.

Luísa Rosa de Aguiar também possui o seu monumento, singelo e expressivo.

A Luísa Todí, como célebre cantora lírica, não necessitava do apelido do marido para nada.

Vejo também a Rua de João Vaz, o pintor setubalense, que se dedicou a transmitir à tela a suavidade das marinhas e os poentes luminosos das margens do Sado. Grande amigo da Praia da Rocha, onde o conheci pessoalmente, através do nosso comum amigo Paulino de Oliveira.

Multos escudos o quillo

Antigamente, o bacalhau era o comer dos pobres. Hoje, é o comer dos ricos. Daqui não será difícil concluir que as classes superiores se estão democratizando.

Maria Manuela Nunes

TEMAS OPORTUNOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

de Sousa», no tablado mais elegante e prestigioso da capital e do Império — o teatro de S. Carlos — com a assistência do elemento oficial representativo da Nação, e das elites da nossa sociedade, em seu escol de valores de posição, fortuna, beleza e espírito. E foi então que se cometeu um autêntico desacato, o mais grave que pode afligir um autor literário ou dramático.

Quem seguiu, pela rádio, a representação e teve ensejo de ir cotejando, como nós fizemos, de livro em punho, o texto declamado pelos actores com o original do «Frei Luís de Sousa», certamente se deu conta de que o mesmo sofrera sensíveis operações de poda e enxertia, talvez para abreviar o espectáculo, mas com insistência exasperante. Por exemplo, no 2.º acto, o mais belo e empolgante do drama, o teor do expurgo deve ter atingido 20% do contexto global do acto!

Óbvio parece não deverem as culpas caber aos intérpretes (a fina-flor da cena), mas sim a algum mestre autosuficiente, que se abalçou a retocar, com mão lesta e atrevida, um monumento literário considerado a trave-mestra da nossa dramaturgia e modelo da língua lusa — em suma: património nacional — em que só o próprio autor teria autoridade e competência para modificar o quer que fosse, por adição ou supressão. Pois se Garrett, em sua vida, tantas vezes viu levar à cena o seu drama (na estreia, até nele entrou como actor), como não teria o seu fino espírito, com vasta experiência de teatralógico, alterado então o que visse destoante da unidade estética ou da expressividade da linguagem? Inferese, assim, que é o texto vigente aquele que o Autor legou como definitivo, a menos que se prove o contrário, e concordará realmente qualquer pessoa, com um mínimo de sensibilidade e de formação artística, em que se trata duma peça-paradigma do nosso Teatro, onde aliás têm bebido ensinamentos preciosos de técnica dramática muitos dos nossos reputados dramaturgos, desde D. João da Câmara até Schwaibach.

Nada ali está a mais ou a menos e, por conseguinte, comete pecado de lesa-arte e contra a língua vernácula todo o que pretender modificar-lhe a estrutura da redacção original. Ora foi isto que efectivamente se observou, e que registamos com indignação.

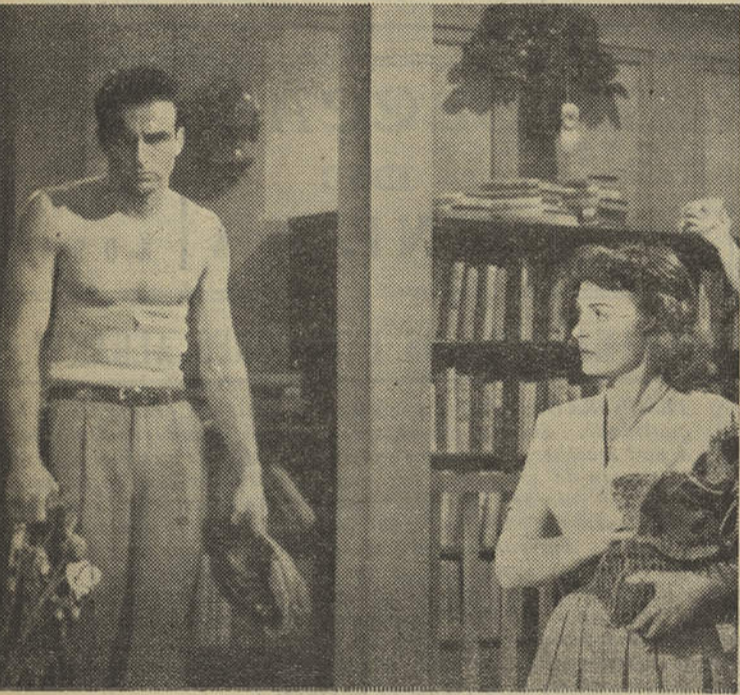
Não logramos descortinar, salvo na questão do tempo, qualquer possível justificação para tal atentado, porque as frases suprimidas não continham arcaísmos nem escabrosidades, que pudessem molestar ouvidos sensíveis. De resto, já vimos representar muitas vezes os autos de Gil Vicente e, mesmo no «Nacional de D. Maria II» e actuando para jovens estudantes, houve a hombridade de manter sempre o texto vicentino integral, pese embora aos modismos obsoletos e às consabidas «frescuras» vocabulares de Mestre Gil. Assim é que está certo!

Condenou, há meses, a imprensa a atitude duma firma distribuidora de filmes, por ter encurtado algumas cenas na película «Luzes da Ribalta», de Chaplin, de cuja cópia ela era, afinal, proprietária. Com maioria de razão, portanto, devemos insurgir-nos perante a irreverência cometida no «Frei Luís de Sousa», por este constituir «um padrão imorredouro na história do nosso teatro», e pela sua terna linguagem «dum aticismo, simplicidade e beleza inextinguíveis», em que mão profana nunca poderá bulir impunemente, sem lhe afectar o equilíbrio e a graça do estilo.

E francamente, quem haverá por aí que possa apresentar-se, em público e raso, com suficiente arrojo para emendar Garrett... e, para mais, em teatro?! Sejam quais forem as suas credenciais e não importa que justificativas se invoquem, é uma tremenda responsabilidade, para a qual não descobrimos ombros com a necessária envergadura, isto de truncar e de condensar a prosa do autor de «Camões» e do estilista do «Arco de Sant'Ana», à maneira do «Reader's Digest»...

Garrett merecia mais respeito, para que pequeno ou grande plúmbeo actual, aproveitando a sua glorificação, viesse desconsiderar o seu talento. Por isso protestamos.

F. Morais Rodrigues



Eis uma imagem de «Até à eternidade», que obteve em Lisboa largo sucesso. É um dos filmes que recomendamos aos nossos exibidores.

tos, a febrilizar-se a fazer o que lhe pedem» de um oficial com maus fígados, casado com uma beladade ambiciosa; e a de um soldado folgazão, que é morto tragicamente, são lugares comuns que todos, cinematograficamente falando, conhecem e enjoam.

Mas não é bem assim. Só um espectador desatento e frívolo o verá por este prisma e bocejará durante a sua exibição, porque o filme possui algo de «secreto», de «diferente», que subjugará a atenção. Os personagens são já nossos conhecidos, sem dúvida, mas parecemos vê-los pela primeira vez. Os americanos, finalmente, resolveram-se a encarar a realidade e a filmá-la sem tons de rosa ou de roxo. A celebrada vida do soldado americano («não te rales») e tratando por «tu» os superiores, sofre um profundo golpe. Afinal, a disciplina nos quartéis americanos também é dura e muitas vezes desumana. Nada de divertimentos, nem distrações, excepto ao sábado à noite, noite de bebedeira geral na cidade mais próxima. As «girls» dos cafés e das casas «particulares» não sabem para onde virarem-se, há saragatas por toda a parte. Mas a segunda-feira chega, e eles regressam, mais cansados ainda, agora pensando na duríssima semana que os espera até sábado, como de costume.

A nota sentimental do filme é dada pelos amores clandestinos do «sargento Warren» com a mulher do seu superior, e pela paixão romântica do «soldado Prewit» por uma prostituta. Entretanto, no decorrer da acção, o «soldado Maggto» é morto à pancada, na prisão do quartel, por um cabo que o odiava. E vê-se então a melhor cena do filme, uma cena inesquecível: o seu amigo Prewit, antigo clarim, no anoitecer dessa tarde trágica, toca a recolher. Parece uma coisa vulgar, não é verdade? Pois enganam-se. É talvez a cena mais dramática, mais pungente, mais arrepiante, que os estúdios americanos ainda produziram. Vale a pena ir ver

Montgomery Clift (soldado Prewit) e para Frank Sinatra (soldado Maggto). O «sargento Warren», Burt Lancaster, é convincente, mas não merece as honras que a publicidade deste filme lhe dá. Donna Reed tem um pequeno papel que lhe pôs à prova os seus dotes de muito boa actriz, e Deborah Kerr agrada incondicionalmente.

António Macheira

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

não parecia a mesma. Pálida e de uma tristeza que contagiava. Tentou sorrir — mas só metade da boca o fez. Contou que tivera uma paralisia facial. Andava a tomar uns comprimidos, umas injeções. No hospital não podia tratar-se, porque não lhe passavam atestado de pobreza... «E a tarde outonal decorreu como o sorriso da L., cheio de um sol doente e plácido, lá fora; parado, absorto, morto dentro de mim.

Canção quase sem palavras

A flor é frágil? Sim.
Mas sustenta.
A vida é efémera? Sim.
Mas irrestível.
A paz é custosa? Sim.
Mas essencial.

P. S.

Ah!, esquecia-me de te dizer, meu caro, que na minha casa ninguém fala de ti. Em minha casa só falamos dos vivos.

O Mundo exterior

Certos idealistas afirmam ser o mundo exterior mero reflexo da nossa consciência. A ginástica que eles fazem, num trapézio exterior, para negarem o

ARIDIEZ

Chuva!... Gotas rolando na vidraça,
A verterem pungentes agonias!
Mistério! Névoas! Fundas nostalgias!
Neve a cair, que gela e me trespassa!

Que saudade profunda agora passa
Ante meus olhos — duas noites frias?
Que imagem prendo, em minhas mãos vazias?
Que sede é esta que a minha alma abrasa?

Sòzinha! Chuva! Sombras! Abandono!
O adeus convulsivo do Outono
Como uma alma que chegasse ao fim...

E eu quero gritar, numa ansiedade louca!
E a minha voz abafa, inerte e rouca,
Em lágrimas de sangue, dentro de mim...

HORTENSE MARQUES